

TROCA DE CARTAS NO TIME DA VIDA: UM BATE-BOLA CONSTRUTIVO

EXCHANGE OF LETTERS IN THE TEAM OF LIFE: A CONSTRUCTIVE PICK UP GAME

ADRIANA MÜLLER

*Psicóloga, terapeuta familiar,
mestre em psicologia do
desenvolvimento e docente do
CRESCENT – ES.*

Recebido em 29/11/2011.

Aprovado em 10/01/2012.

RESUMO: Este artigo apresenta e discute uma experiência da aplicação da metodologia do Time da Vida em um contexto que envolveu a troca de correspondências entre os internos de centros de reabilitação de drogas e álcool no Brasil e na Austrália. Apesar da distância física e cultural entre esses dois grupos, eles conseguiram destacar pontos em comum em suas histórias, construindo uma relação de mútua ajuda que auxiliou no processo de tratamento. Tal experiência baseou-se nos pressupostos que cada pessoa é especialista em sua própria história e consegue, nas interações que estabelece com os demais, fortalecer aspectos positivos de sua vida, reconhecer as habilidades e conhecimentos, assim como ampliar sua história. Além disso, a troca de cartas entre eles promoveu no grupo a noção de unidade compartilhada e um interesse em contribuir com a vida de outros que passam por situações semelhantes.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas Narrativas Coletivas; Time da Vida; Documentos coletivos; Centro de reabilitação; Brasil, Austrália.

ABSTRACT: This article presents and discusses an experience of the Team of Life methodology involving mail exchange between inmates of alcohol and drugs rehabilitation centers in Brazil and Australia. Despite the physical and cultural distance between these two groups, they were able to highlight common aspects in their stories, and to build a relationship of mutual support that helped in the treatment process. This experience was built upon the idea that each person is an expert in his/her own history. Once a person has established interactions with others, he/she is able to strengthen positive aspects of his/her life, to acknowledge skills and knowledge as well as thickening their own stories. Furthermore, exchanging mails enabled the sense of shared unity among individuals, as well as the intention to contribute to the lives of others in similar or related situations.

KEYWORDS: Collective Narrative Practice; The Team of Life; Collective documents; Rehabilitation Center; Brazil; Australia.

INTRODUÇÃO

Em maio de 2009, o CRESCENT – uma instituição promotora de pós-graduação *lato sensu* em intervenção sistêmica com famílias, no estado do Espírito Santo – trouxe para Vitória (ES) o primeiro workshop de Práticas Narrativas Coletivas no Brasil*, ministrado por Cheryl White e David Denborough.

Desde meu encontro com Michael White, em 2005, a Terapia Narrativa, pela forma como organiza e apresenta sua perspectiva teórica e pela posição que o terapeuta ocupa nas conversações, passou a fazer parte da minha prática profissional. Quatro anos depois, Cheryl White e David Denborough, duas pessoas diretamente ligadas a ele, vieram mostrar mais uma aplicação dessa teoria: as Práticas Narrativas Coletivas. No final de semana seguido ao workshop, Cheryl e David orientaram um pequeno grupo de seis pessoas ligadas ao CRESCENT na aplicação de duas metodologias (a Árvore da Vida e o Time da Vida) em uma instituição de reabilitação de drogas e álcool no município da Serra (ES). Teve início, então, o trabalho que será apresentado aqui. A sequência dos encontros foi coordenada

* Workshop “Reagindo às dificuldades: práticas narrativas coletivas no trabalho com indivíduos, grupos e comunidades”. Vitória (ES) 15, 16 e 17 de maio de 2009.

e realizada por mim, com a ajuda de Ravenna B. Negromonte de Almeida, e sempre mantendo a parceria com David Denborough.

Denominamos Terapia Narrativa aquela baseada nas ideias e práticas que David Epston e Michael White desenvolveram desde o início dos anos 1980 e cuja proposta inclui vários conceitos chave da teoria pós-estruturalista, entre eles o firme compromisso de perceber as pessoas de forma relacional/contextual/anti-individualista (Madigan, 2011).

A Terapia Narrativa considera que nossas vidas são historiadas: para explicarmos quem somos, refletimos sobre nossas experiências prévias, agrupamos essas vivências de determinada forma e temos um roteiro da “realidade” da nossa vida. Porém, vários outros fatos da nossa história ficam excluídos dessa narrativa, constituindo-se no que denominamos de “histórias alternativas”. Quando a história que narremos está “saturada de problemas”, torna-se necessário acessar as histórias subjacentes para buscar novas narrativas nas quais pessoas significativas, habilidades, valores, capacidades, entre outros aspectos, desempenham um papel relevante (White, 1991; Epston, 1998; Madigan, 2011).

Segundo tal perspectiva teórica, o encontro terapêutico é uma troca entre iguais que buscam, naquele momento, coconstruir uma história mais adequada e plena de significados. Para tanto, considera-se que o terapeuta não é autoridade e que a pessoa é a especialista em sua própria vida (Epston, 1989; White, 1989, 1995, 2007; Epston & White, 1990; Winslade, Crockett & Monk, 1997; Denborough, 2008; Madigan, 2011). Dessa nova postura decorrem diferentes formas de intervenção, todas elas compreendendo que as pessoas que enfrentam determinada

dificuldade sabem quais os desafios a serem superados e descobriram formas de lidar com essas situações – portanto, podem ser consideradas “consultoras” e compartilhar suas histórias de crescimento com outros que passam por situações semelhantes.

Uma forma muito comum de compartilhar tais experiências são as cartas (McKenzie & Monk, 1997; Epston, 1989; Morgan, 2000; Denborough, 2008; Newman, 2008; Madigan, 2011). O foco principal desse tipo de documentação do processo terapêutico baseia-se no reconhecimento das competências, habilidades, qualidades e demais aspectos que tornam possível o fortalecimento das histórias alternativas. Muitas são as utilizações das cartas terapêuticas e, aqui, gostaria de me deter um pouco sobre sua aplicação em grupos. De forma geral esse documento deve ser escrito tendo-se em mente dois grupos: o que contribui para a elaboração do documento e o que vai receber a carta. Como a carta revela forças do grupo, ela é sempre escrita utilizando uma voz coletiva, mesmo que apresente frases ou experiências de uma pessoa específica. A documentação narrativa coletiva possibilita que pessoas que nunca se encontraram pessoalmente possam conversar e contribuir com a vida umas das outras.

Baseada em tais pressupostos teóricos as Práticas Narrativas Coletivas seguem quatro princípios básicos:

- destacar a dupla narrativa das histórias*: existe a história do problema e a história de como a pessoa respondeu a ele – como conseguiu sair desse problema, como tentou se proteger, quais habilidades teve que acessar para conseguir lidar com a situação, quais as pessoas que a ajudaram, de que forma essas pessoas colaboraram etc.;
- ampliar a história preferida: ajudar

* O termo original é *Double-storied account*.

a pessoa a construir conhecimentos mais amplos e ricamente descritos acerca de si mesmo e de sua história (e não da história do problema);

- relacionar as experiências individuais que são relatadas pela pessoa com alguma situação coletiva;
- ajudar a pessoa a contribuir de alguma forma com a vida de outras pessoas que passam por situações semelhantes.

Um dos autores que servem de referência teórica para as Práticas Narrativas Coletivas é Paulo Freire. David Denborough e Cheryl White tiveram um encontro com ele em São Paulo em abril de 1997 – uma das memórias preciosas que ambos guardam do Brasil e que serviu de ponto de partida para o livro *Práticas Narrativas Coletivas: trabalhando com indivíduos, grupos e comunidades que vivenciaram traumas*. Uma das ideias de Freire apresentadas no livro é a tese da “unidade na diversidade” (Freire, 2008) segundo a qual, para alcançar uma democracia real, os grupos precisam “trabalhar as semelhanças entre si e não só as diferenças” (p. 154): o que temos em comum? Quais habilidades, valores, crenças, princípios, sonhos, esperanças, compartilhamos entre nós e nos fazem um, apesar das nossas diferenças?

As Práticas Narrativas Coletivas buscam encontrar esse ponto comum partindo dos relatos das vivências e experiências individuais, dando ouvidos às narrativas de cada membro do grupo, buscando nas histórias particulares os pontos relevantes e que dizem respeito às formas pelas quais aquela pessoa encontrou resposta aos desafios da vida.

Cada pessoa relata sua história enquanto os outros membros do grupo ouvem como testemunhas externas. Posteriormente, as pessoas irão buscar definir a “unidade na diversidade”: em

meio a tantas e tão diversas histórias, o que temos em comum? Todas as narrativas advindas desses momentos de compartilhar servem de base para a elaboração das documentações coletivas.

Com o objetivo de facilitar as conversações nos grupos, foram desenvolvidas algumas metodologias, todas elas buscando:

- externalizar os problemas, ou seja, localizar os problemas em seu contexto social mais amplo;
- obter conhecimentos relevantes e especiais sobre as histórias individuais;
- descrever de forma rica as ações de “unidade na diversidade” – aquelas que visam um objetivo comum;
- realizar cerimônias de definição*: encontros cuja estrutura cria um contexto terapêutico que facilita uma rica descrição da vida, da identidade e dos relacionamentos das pessoas.
- permitir a contribuição para a vida de outras pessoas.

Cada metodologia trabalha com uma metáfora específica e busca organizar as informações dentro desse contexto metafórico. A seguir apresentarei a metodologia do Time da Vida e um exemplo de sua aplicação.

MÉTODO

O Time da Vida

O futebol é uma paixão nacional – daí a ressonância que essa metodologia proporciona aos grupos com os quais trabalhamos. Todos torcem por um time, sabem o nome de jogadores famosos, admiram um determinado jogador, reconhecem o valor do futebol arte – o que, em parte, confirma a impressão popularmente difundida de que “todo brasileiro é um técnico de futebol”.

* Metáfora baseada no trabalho da antropóloga cultural Barbara Myerhoff (1982, 1986). Nestas cerimônias, algumas pessoas convidadas (as testemunhas externas) ouvem a história que é narrada e, em seguida, iniciam um processo de re-narrar o que foi ouvido possibilitando que tanto a audiência quanto a pessoa que fez a primeira narrativa ampliem a sua história.

Além disso, essa paixão pelo futebol não é exclusividade do povo brasileiro. O ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 2010, Mário Vargas Llosa, chega a afirmar que “o futebol é o ideal de uma sociedade perfeita: poucas regras, claras, simples, que garantem a liberdade e a igualdade dentro do campo, com a garantia do espaço para a competência individual” (*apud* La Taille, 2009). O Time da Vida, como metáfora, pode, assim, ser compreendido por diversas culturas em diferentes partes do mundo.

Essa possibilidade de conectar pessoas é uma das grandes conquistas das Práticas Narrativas Coletivas.

A metodologia do Time da Vida possui as seguintes etapas:

1. Aquecimento: os membros do grupo conversam sobre a paixão pelo futebol, jogadores favoritos, as habilidades de um bom jogador, a relação entre uma partida e a vida, entre outros.

2. O Time da Vida:

a) Cada membro do grupo vai montar o seu time, considerando as seguintes posições (cada pessoa pode acrescentar mais posições, caso sinta vontade):

- goleiro – representa aquela pessoa que protege tudo aquilo que você conquistou na vida até hoje e proporciona a segurança para poder seguir o jogo porque o que já foi conquistado será mantido;
- técnico – representa aquela pessoa que mantém você “em forma” para todos os jogos, dá as orientações necessárias para melhorar o desempenho, dá bronca durante o jogo, festeja cada jogada, mas fica “do lado de fora”, sem entrar mesmo no jogo;
- defesa – representa aquelas pes-

soas que ajudam o goleiro e garantem que o time adversário não marque gol;

- ataque – são aqueles que estão ao seu lado na hora de marcar os gols, seguem com você, dão os passes especiais para que você possa marcar seu gol;
- meio de campo – fazem a interligação entre o pessoal da defesa e do ataque, facilitando o desempenho tanto de um grupo quanto de outro;
- reserva – são aquelas pessoas que, dependendo do “jogo” que está em andamento, podem substituir uma pessoa ou outra no time, garantindo que o este mantenha seu desempenho.

b) Além disso, pode ser interessante considerar:

- seu campo – o local onde você se sente mais “em casa”;
- o Hino – uma música que tem um significado especial para você;
- torcida – todas as pessoas que torcem pelo seu sucesso, festejam cada gol e se alegram a cada vitória.

c) Finalmente, cada um lembra os gols coletivos alcançados, como foi o treinamento, a contribuição de cada jogador, qual o placar da sua vida, hoje, entre outros.

3. Celebrando os gols:

a) As formas de comemorar os gols e celebrar as vitórias alcançadas – tanto no futebol quanto na própria vida.

b) Objetivos alcançados no ano passado:

- treinamento realizado – quais pessoas estiveram envolvidas, onde foi feito o treinamento, quanto tempo durou, a frequência dos treinamentos, entre outras perguntas;

- ajuda que recebeu para fazer esse gol – quais pessoas ajudaram, direta e indiretamente e como elas ajudaram;
 - celebrações – como cada gol foi comemorado e quais as pessoas que estiveram envolvidas nestes momentos.
- c) Olhando para o futuro:
- próximo gol – qual a próxima meta a ser alcançada;
 - treinamento – como pretende se preparar para alcançar esta meta;
 - pessoas envolvidas – quais as pessoas que poderão ajudar neste ‘jogo’ e como elas podem contribuir para o seu bom desempenho.

4. Driblando os problemas: quais são os dribles do futebol e a relação que podemos estabelecer entre os dribles no jogo e na vida: conversas sobre os problemas que foram driblados, as habilidades necessárias para driblar esses problemas, dicas para que outras pessoas possam também conseguir driblar as dificuldades, entre outros.

5. Evitando obstáculos e ajudando os outros:

- a) manter-se na metáfora: quais as dificuldades que um time de futebol enfrenta?;
- b) dar um passo além da metáfora: mesmo nas circunstâncias mais difíceis ou de injustiça, as pessoas não ficam passivas – o que é possível fazer? É culpa das pessoas o fato de elas não conseguirem alcançar seus objetivos? Como elas podem fazer para superar esses obstáculos?;
- c) possibilitar a contribuição: você conhece pessoas que enfrentam obstáculos semelhantes? E se elas não têm um time tão forte como o seu? Será que podemos ajudá-las?

Com essa sequência de cerimônias os membros do grupo têm a chance de reforçar a noção de que eles são agentes de mudança, sua experiência de vida e de superação podem contribuir para a vida de outras pessoas que passam por situações semelhantes. De vítimas da situação, eles se convertem em agentes de transformação da vida de outras pessoas. A história alternativa ganha vida – e sua força se espalha para muito longe, como ondas na superfície do lago. “Como resultado, isto pode se tornar um antídoto para a imposição de conhecimentos de cura vindos de fora [...] aqueles que inadvertidamente impõem certas compreensões de vida, trauma e cura” (Denborough, 2008, p.43).

PROCEDIMENTO

Todas as visitas realizadas, tanto no Cer-Homens quanto no CAAAPU, foram realizadas com a autorização de ambas as instituições, sempre coordenadas diretamente, aqui no Brasil, por Adriana Müller e, na Austrália, por David Denborough. A participação nos grupos é livre e voluntária, sendo permitida a desistência a qualquer momento. Os trabalhos individuais permanecem com seus autores e a elaboração das cartas segue critérios bem definidos com o objetivo de manter o anonimato das pessoas e dar voz às experiências do grupo: devem ser escritas na terceira pessoa do plural, utilizando uma voz coletiva (“alguns de nós”, “muitos de nós”, “nós”) e, ao utilizar a voz individual, isto é feito sem que haja menção do nome da pessoa (“eu” “um de nós”), mantendo-se, assim, o sigilo com relação à identidade dos participantes (Denborough, 2008).

Todas as cartas aqui apresentadas foram escritas pelos participantes dos grupos e, posteriormente, lidas em voz

alta para que todos os membros do grupo pudessem dar sua opinião sobre o conteúdo e a forma do texto. Somente a versão final das cartas, aprovada por todos os participantes, era encaminhada para a outra instituição.

Os participantes tinham ciência de que as cartas escritas seriam enviadas para outras pessoas que passam por situações similares e permitiram que suas experiências fossem compartilhadas e divulgadas em meios científicos (congressos, simpósios, publicações científicas, entre outros).

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A experiência relatada a seguir mostra o intercâmbio de cartas entre os internos de um centro de reabilitação aqui no Brasil (Cer-Homens) e outro na Austrália (CAAAPU)*. Em cada relato, apresento o contexto de aplicação da metodologia no referido encontro, a carta produzida pelo grupo e, em seguida, o que foi mais relevante naquele dia e na carta elaborada.

Primeira Carta

Esta experiência começou em maio de 2009, com um grupo de internos do Cer-Homens, uma instituição de reabilitação de drogas e álcool, somente para homens, que funciona em Carapina, no município da Serra (ES). Cerca de 10 internos participaram do Time da Vida desenhando seu campo, escalando seu time, conversando sobre as táticas de driblar os oponentes, os gols que fizeram e ainda pretendem fazer, o placar do jogo, as formas de comemorar cada gol, entre outras conversas relativas ao jogo. As atividades eram intercaladas com jogos de futebol no campo de areia da instituição para demonstração prática de suas habilidades em driblar, dar passes, fazer gols e defender seu

time. Todos esses momentos sempre foram de muita descontração, alegria e interesse dos participantes. Ao final do encontro, solicitamos que eles escrevessem uma carta relatando o que haviam aprendido, com o objetivo de compartilhar sua experiência com pessoas que passam por situações semelhantes. A seguir, a primeira carta:

Estamos aqui reunidos para assistir à partida de futebol entre o Cer-Homens e as dificuldades da vida.

O Brasil é o país do futebol! O futebol faz parte da nossa cultura e o amor pelo futebol corre como sangue em nossas veias. É muito gostoso fazer “gol”, driblar o adversário, comemorar com emoção, ter um desafio pela frente e até assistir é bom!

O time do Cer-Homens reconhece que as experiências dos mais velhos são importantes para nos ajudar na construção do jogo da nossa vida. Um de nós conta até com a contribuição dos bisavôs de 112 e 113 anos que até hoje são jogadores fundamentais em seu time da vida. Além disso, outros de nós colocaram em seu time aqueles que já se foram e aqueles que ainda vão nascer porque todos eles dão uma força na hora de driblar as dificuldades da vida.

Vamos dar início ao jogo com a bênção de Deus e o apoio da família e dos amigos. As lembranças fazem o coração acelerar! O jogo inicia com muitos obstáculos, lágrimas, arrependimentos e saudades... Os desafios são grandes!

Com o andar da partida cada membro do time mostra as suas habilidades: o gingado, a garra, força, coragem... Somos craques em driblar os problemas, Quando a boca do povo é muito grande, alguns de nós se agarram nas coisas que são importantes. É muito bom ter uma torcida empolgada! É muito bom ter jogadores com os quais a gente pode contar: laterais, meio de campo, defesa

* Os resultados dessa experiência de intercâmbio, coordenada por David Denborough e Adriana Müller, foram apresentados na 10ª Conferência Internacional de Terapia Narrativa e Trabalho Comunitário, em Salvador (BA).

e ataque. Todos juntos buscando fazer o gol. E o goleiro, sempre protegendo as nossas metas, nossos sonhos e esperanças.

Os reservas são importantes porque o jogo da vida continua e a qualquer momento podemos precisar deles. Temos gols, vitórias, muitas qualidades, mas precisamos da força de todo o time. E também precisamos valorizar nossos técnicos, pessoas justas que nos ensinaram coisas valiosas na vida.

Toda essa força nos ajuda a ser novo homem – não podemos crer em torcida ruim que não ajuda e nos empurra a voltar para a vida difícil. Queremos torcida animada, feliz com nossos gols, vibrando conosco, acreditando em nós.

Queremos alcançar o nosso gol, golear o adversário. Para isso acontecer vamos contar com grupos que nos ajudam a melhorar nossas vidas. Vamos acreditar que podemos melhorar. Podemos fazer gol de placa, podemos guiar a bola para o fundo da rede. Gol familiar, com a iluminação de Deus!

Um de nós que tem somente nove anos não estava se comportando bem, mas ele fez um gol com a ajuda de seus pais... O seu pai passou a bola para a sua mãe que, com muito amor e carinho, passou a bola para ele que finalizou com um lindo gol, pois ele seguiu o que é importante para a sua família. Desde então a vida tem sido bem mais fácil em sua família.

Acreditamos naqueles que nos dão força. Sabemos que nem sempre vamos acertar, mas que o jogo da vida continua e nós estamos em campo. E a galera pede gol!

Esta primeira carta soa como a narração de uma partida de futebol entre o Cer-Homens e as dificuldades da vida. Relata a importância desse esporte na vida de cada um, o que foi relevante nas escalões dos times e a certeza de que “o jogo da vida continua e nós estamos em campo”.

Ao fim do encontro, David Denborough disse que levaria aquela carta até um grupo de homens na Austrália.

Segunda Carta

Meses depois, soube que David Denborough tinha se reunido com um grupo de aborígenes internos em um centro de reabilitação, havia aplicado o Time da Vida e lido a carta do Cer-Homens. Em seu relato ele dizia como aqueles homens haviam ficado impressionados com o fato de que outros homens, de outra cultura, do outro lado do mundo, que também não tinham o inglês como sua língua-mãe, passavam pelas mesmas dificuldades e buscavam solucionar os mesmos dilemas. O silêncio com o qual ouviram a carta do Brasil foi impressionante. Esta foi a segunda carta:

Essa é uma mensagem de Wally Malbunka e dos Bulldogs de Western Arnada.

Para os homens e os jovens no Brasil.

Nós gostaríamos de lhes agradecer por nos enviarem as suas histórias. E queremos lhes enviar palavras daqui para fortalecer a sua recuperação.

Obrigado por compartilhar conosco suas palavras.

Ontem, quando as suas mensagens foram lidas, os homens estavam realmente interessados em ouvi-las.

Havia um silêncio enquanto as suas mensagens eram lidas. E era uma forma diferente de silêncio.

Éramos 43 homens no galpão aqui em Hermannsburg e todos estavam quietos.

Foi fantástico ouvir as palavras de pessoas de diferentes culturas e diferentes línguas. Isso significou muito para nós.

Gostamos quando vocês falam de transformar a “força do afastamento” em uma “força propulsora”.

Nós estamos tentando transformar a raiva em uma força propulsora que mude a nossa comunidade. Essa ideia

vem dos jogadores mais jovens do nosso time. Eles que nos ajudam a fazer a mudança acontecer.

Nós nos encontramos toda segunda quinzena, em uma segunda-feira, para dividirmos nossas fraquezas e, como um time, buscarmos como fazer para consertarmos nossas vidas.

Recentemente nós começamos a falar sobre como os jovens em algumas comunidades não se sentem seguros. E sobre o que os jovens podem fazer quando eles não se sentem seguros. Algumas das coisas que nós fazemos por aqui são:

- nós nos unimos;
- ou montamos a cavalo;
- ou saímos para caçar.

Quando estamos no mato, é como se a terra pudesse nos proteger. Quando voltamos para casa depois de ficarmos no mato, sentimos menos medo. De alguma forma, o medo vai embora quando montamos nossos cavalos. Nós voltamos a nos conhecer de novo quando rimos e brincamos. É como se nosso espírito voltasse para nós.

Algumas vezes nós também oramos para que Deus nos ajude. Isso nos ajuda a encontrar calma e paz. Às vezes a terapia também ajuda. E algumas vezes a gente tenta não pensar no passado.

Quando o medo está nos rondando nós sempre nos fortalecemos perguntando uns aos outros “quem nós representamos?” e a resposta é Hermannsburg.

Quais são as nossas cores? Vermelho, branco e azul. Onde quer que a gente vá, nossas cores são importantes. É como um conhecimento secreto: nós temos as melhores cores! Nós nos orgulhamos do vermelho, que representa a terra; nos orgulhamos do branco, que representa a vida. E nos orgulhamos do azul, que representa a liberdade e a alegria. Quando você combina essas cores em uma, é como uma mistura do arco-íris. E faz o time ficar mais forte. Faz com que a gente corra com orgulho.

Essas são algumas das coisas que fazemos e que tentamos lembrar quando não nos sentimos seguros aqui. Gostaríamos muito de saber o que vocês fazem quando não se sentem seguros. Será que vocês poderiam compartilhar conosco esse conhecimento?

Nós perdemos os últimos jogos aqui. Talvez as mensagens e histórias de vocês possam fazer com que voltemos a vencer.

É que nós estamos na fase de aquecimento. Estamos aquecendo o time.

Talvez possamos manter contato e falar sobre formas de manter o nosso time fortalecido. Quem sabe até a gente possa jogar uma partida juntos algum dia desses...

Alguns de vocês perguntaram se poderiam compartilhar esse nosso documento com outras pessoas. Claro, nós até gostaríamos que assim fosse. Se as nossas histórias podem ajudar outras pessoas, por favor, compartilhem-nas com eles.

E, cada vez que lerem o nosso documento, por favor, pensem em nós.

Nossos espíritos estarão com vocês desde o campo de futebol dos Western Bulldogs.

Um novo espírito está surgindo. Nossos espíritos estarão com vocês.

Essa é uma mensagem de Wally Malbunka e dos Bulldogs de Western Arnada.

Esta segunda carta mostra a importância dos documentos coletivos: por um lado, relatam o quanto representou para eles receber uma carta de homens tão diferentes, mas ainda assim, tão iguais a eles. Por outro, solicitam que sua carta possa ser compartilhada visando a ajudar outras pessoas que passam pela mesma situação. Isto mostra como é poderosa a conexão entre histórias e grupos, viabilizada pela documentação coletiva.

Terceira Carta

Quando voltamos para o Cer-Homens, o grupo de internos já havia mudado. Tivemos que explicar ao novo grupo o contexto da carta, utilizamos a metodologia para propiciar conversas de re-autoria e, depois, lemos a carta dos aborígenes. Um silêncio respeitoso envolveu todos os presentes e seus relatos expressam o que sentiram: “Sinto honra em poder compartilhar o que sei” (22a); “Pessoas do outro lado do planeta fazendo conexões. Com certeza eu estou em união com eles e essa força alimenta algo espiritual e bom em mim” (26a); “Estou muito emocionado com o silêncio que eles fizeram ao ouvir sobre nós. Fiquei muito honrado” (23a).

Chamo a atenção aqui para o fato de que esse grupo não foi o que escreveu a primeira carta. Esse é um fato relevante, pois mostra a força de “criar unidade na diversidade”: no momento em que lemos a carta-resposta à mensagem que eles não escreveram, esse grupo se sentiu membro de algo muito maior. Tal fato deu um sentido maior à experiência individual, conectando-a à experiência de outras pessoas e destacando que a carta deles era importante em outros lugares, mesmo que eles não fossem ouvir a resposta à carta que enviassem. Envolvidos nesse sentimento de mútua ajuda e de fazer parte de uma unidade maior, eles realizaram uma pesquisa sobre a Austrália na pequena biblioteca da instituição. A terceira carta demorou dois dias para ser escrita e relata o que eles encontraram ao longo da pesquisa.

Serra (Espírito Santo/Brasil), 25 de julho de 2010.

Nós estamos aqui reunidos na Comunidade Terapêutica Cer-Homens,

exclusivamente para homens que têm problemas com drogas, álcool e comportamentais. Nós somos em mais ou menos 35 (trinta e cinco) pessoas. Alguns conhecem a história da colonização do continente australiano e o massacre que os aborígenes sofreram. Não foi muito diferente do Brasil. Nossos índios, os verdadeiros donos desta terra, foram quase dizimados, escravizados e muitos que sobreviveram adquiriram hábitos dos homens das cidades grandes. Muitos deles, hoje, usam droga, álcool e se prostituem. É lamentável.

Na nossa biblioteca há uma revista Viagem que traz um artigo sobre “Da Austrália nativa restaram apenas o legado aborígene e os famosos animais que não existem em outros lugares do mundo”. Fantástico! Há uma foto de Tjapukai, um lugar para aprender um pouco da cultura aborígene em Cairns. Bela!

Entretanto, estamos felizes e agradecidos pela resposta que nos foi dada por vocês.

Nosso país tem uma população bem diversificada, ou seja, somos uma mistura de índio, negro, europeu e asiático. Nosso estado, Espírito Santo, podemos dizer que é como um pequeno Brasil, pois temos o índio, o negro, o branco, o asiático e a mistura entre todos.

Nosso clima é diversificado, pois temos praias, montanhas, dunas, rios, lagos e cachoeiras. E isso tudo num pequeno estado, que é o nosso!

Nossas cores são verde, amarelo, azul e branco. O verde representa as florestas (Amazônia); o amarelo representa a riqueza do solo (ouro); o azul, o céu e o mar; e o branco, a paz – que, infelizmente, nos dias de hoje foi trocada pela violência. Principalmente pela corrupção dos governantes, dos traficantes de drogas, enfim, de uma sociedade apodrecida. Mas buscamos em Deus nosso refúgio.

Voltando às cores, coincidentemente são as mesmas da camisa da seleção de futebol do Brasil e Austrália. É uma excelente identificação!

Nós somos um país de excelentes e corajosos jogadores. Quando entram em campo, passam a ser um só! Mas um só mais fortalecido. Ficamos tristes com as derrotas, mas a perda é que nos dá coragem para ganhar na próxima vez. Assim, teremos chance de analisar onde erramos.

Somos um só, pois não gostamos de perder. Aqui somos um time, que defende nosso país, e toda nossa comunidade, nossa nação.

Quando estamos inseguros, nos apegamos em Deus, isso aumenta a nossa fé. Fé significa o firme fundamento daquilo que não se vê, mas se tem certeza que existe.

Nós, que numa etapa das nossas vidas usamos drogas, tínhamos coragem para ir buscá-las. Mas, após o efeito passar, vinha o medo, o pesadelo, a depressão. Então, tivemos coragem de nos render e vemos que somos fracos e buscamos alívio para nossas dores, medos e defeito de caráter. E aí nasce o novo Homem! E muitos que se rendem, estão nascendo neste belo país, como é o de vocês.

Também admiramos o vermelho, que é a cor da nossa terra; o azul, que é a cor do nosso céu e do nosso mar e o branco, a paz almejada. Vocês são mais do que vencedores, pois reconheceram a derrota humildemente. A vida é um jogo. Nem sempre se ganha, nem sempre se perde. Para tudo dá-se Glória a Deus. Que seja sempre feita a vontade d'Ele!

Estamos esperando vocês aqui para uma partida de futebol ou um convite para irmos até aí.

A paz de Cristo e abraços da nossa Comunidade Cer-Homens!

Nós nos apegamos muito com nossa família sanguínea, apesar de nos distanciarmos no momento da drogadi-

ção. E nossa “família” da comunidade Cer-Homens! Somos homens sofridos, mas dispostos a ajudar uns aos outros. Vocês nos perguntaram também o que nós fazemos quando estamos inseguros. Além da resposta que demos acima, há as nossas famílias, pessoas às quais nos apegamos e que nos amam! São nossa base e referência para nossa vida.

A carta é uma busca do que denominamos, com Freire (2008), de “criar unidade na diversidade” ao relatar as semelhanças entre culturas tão distantes: a história de dominação em ambos os países, a diversidade cultural e a semelhança entre os uniformes de ambas as seleções. Apresenta o Brasil por meio das cores da bandeira e responde à pergunta sobre como eles superaram os problemas, mencionando a família, a Fé, as amizades feitas no Cer-Homens e a ajuda daqueles que trabalham na instituição. E terminam a carta convidando o grupo da Austrália para uma partida de futebol.

Quarta Carta

A carta foi enviada para a Austrália e, antes do final do ano, a resposta chegou:

Caros colegas do Cer-Homens,

Agradecemos pela carta. Muitas coisas na mensagem de vocês nos fizeram refletir. Tudo o que acontece nestas terras do outro lado do oceano também acontece por aqui. Esperamos que as coisas que foram pesadas para vocês comecem a se transformar.

As palavras que vocês nos enviaram nos trouxeram esperança. Elas nos estimularam a continuar este trabalho de ajudar a nós mesmos e aos outros.

Gostamos de ver as fotos de vocês, então, estamos enviando uma nossa também.

O *Time da Vida de vocês* é baseado no futebol, mas o nosso é com as regras do futebol Australiano. É um jogo diferente. Gostaríamos de saber como é o *Time da Vida de vocês*.

Vocês sabiam que existe um jogo que é uma mistura de futebol americano e o futebol de vocês? Normalmente ele é jogado entre a Irlanda e Austrália. Quem sabe a gente não joga contra vocês algum dia. Nós provavelmente vamos derrotá-los!

Falando sério, agora, as palavras de vocês nos inspiraram a continuar nossa batalha. Estamos no CAAAPU que é a Unidade do Programa de Tratamento de Alcoolismo da Austrália Central... Parece que é a mesma coisa que o *Cer-Homens*. É um lugar aonde as pessoas vêm para parar de usar drogas e álcool. Algumas pessoas vêm para cá por mandato judicial. Eu estou no CAAAPU há seis semanas e ainda vou ficar aqui por mais duas.

Esperamos que vocês se mantenham firmes e focados durante o Natal e o Ano Novo. Esperamos que vocês tenham um Natal seguro e alegre.

Queremos compartilhar com vocês algumas formas pelas quais tentamos manter nossos espíritos fortalecidos com o objetivo de parar de beber.

Algumas coisas que fazemos são:

- saímos para o campo e nos conectamos com a terra e com o espírito – sair para estar em contato com a terra me restaura;
- manter-me ocupado trabalhando faz muita diferença para mim;
- estar com crianças faz com que eu esqueça outras coisas, como beber;
- participar de jogos saudáveis e fazer parte de um time me fortalece;
- para mim, sair e andar a cavalo me ajuda a ficar longe das drogas e do álcool;
- levar a família para um piquenique no campo ocupa a mente;

- ter o suporte da família e não ficar sozinho faz muita diferença;
- caçar nas campinas – emus, cangurus, goanas... É excelente. Quando vocês vierem para a Austrália, depois de perderem o jogo de futebol Australiano, nós vamos levá-los para caçar!

Essas são algumas coisas que fazemos para deixar de beber. Será que vocês poderiam compartilhar conosco mais algumas histórias?

Nós gostamos muito da parte da carta que vocês falam: “Ficamos tristes com as derrotas, mas a perda é que nos dá coragem para ganhar na próxima vez. Assim, teremos chance de analisar onde erramos.” Também gostamos da parte em que vocês dizem “vocês são mais do que vencedores, pois reconheceram a derrota humildemente”.

Também acreditamos que temos que aprender a perder antes de aprender a ganhar e que aprender a perder pode nos dar força para lutar mais uma vez. Perder não é bom, mas não podemos simplesmente sentar e não fazer nada. Não ajuda nada colocar a culpa nos outros. É preciso aprender com as derrotas para que possamos começar a vencer.

Nós sabemos que alguns de vocês perderam pessoas que vocês amavam. Nós também perdemos pessoas queridas. Queremos dizer que sentimos muito e somos solidários com vocês. Principalmente eu que ainda estou triste porque perdi uma pessoa muito especial para mim.

Todos nós perdemos pessoas da família. Eles são agora como os nossos ancestrais que desejam que continuemos em frente. Eles nos incentivam na vida e sabemos que eles querem que sigamos adiante.

Quando estamos tristes, algumas vezes somos liberados para passar um tempo com nossa família querida. Ou,

então, para irmos à campina onde há silêncio e podemos sentir o espírito. Isso nos revigora.

No ano que vem talvez dois de nós consigam ir ao Brasil. Nós queremos chegar e compartilhar histórias com vocês.

Acho que precisamos praticar nosso futebol. Quem sabe a gente não faz uma partida entre CAAAPU e o Cer-Homens.

Que vença o melhor time!

Desejamos a vocês alegria e paz nesse Natal.

Diretamente do coração da Austrália.

Apesar das diferenças culturais, a quarta carta veio com desejos de Feliz Natal – uma demonstração de reconhecimento e respeito ao fato de que o grupo aqui do Brasil é cristão. Além disso, merecem destaque as explicações sobre como eles conseguem ficar sem beber e a provocação com relação ao desafio de jogar o futebol Australiano. Tal comentário tocou profundamente o grupo aqui no Brasil, como pode ser percebido a seguir.

Quinta Carta

O grupo do Cer-Homens que ouviu essa carta se sentiu muito mobilizado com a provocação relativa ao futebol e fez questão de que a carta-resposta falasse sobre o futebol-arte do Brasil, sobre o fato de sermos pentacampeões e que o desafio que o Cer-Homens propunha era jogar o futebol de campo. Além disso, gerou um interesse pelas regras do futebol australiano e mobilizou o grupo para ensinar aos aborígenes sobre as regras do futebol de campo.

Caros colegas do CAAAPU

Nos reunimos mais uma vez aqui no Cer-Homens para ouvir as palavras de

uma força que vocês nos enviam diretamente do coração da Austrália. Isso nos traz felicidade e nos motiva a seguir em frente.

Queremos dizer que vocês podem até ser melhores jogadores de Futebol Australiano, mas nós somos pentacampeões mundiais no futebol de campo (rsrsrsrsss.....). Convidamos vocês para virem jogar aqui o famoso futebol arte brasileiro.

O futebol faz parte da nossa vida. Aprendemos desde pequenos a jogar bola, a torcer por um time, a cantar o hino do time, a fazer dribles, dar passes. O futebol faz parte da nossa vida e, também, da nossa rotina de reabilitação. É uma das coisas que fazemos para nos manter focados no nosso objetivo.

Outra coisa que nos traz conforto e fortalecimento nesse Campeonato é a visita familiar. A família é muito importante para todos nós. Depois de um mês aqui no Cer-Homens, recebemos visitas familiares todo final de semana e, depois de 3 meses, passamos um final de semana com a família. A união com a família é muito importante para nós. A melhor coisa do mundo é quando eu vejo minha mãe entrando pelo portão. Isso me deixa mais forte. O olhar de felicidade dela ao me ver aqui, lutando para vencer, me dá esperança.

Sabemos que o Jogo da Vida não é batalha fácil de vencer. Para vencer esse jogo precisamos mudar os lugares que frequentamos, as pessoas que nos levavam aos lugares errados e os hábitos que temos no nosso dia a dia.

Também participamos em grupos de mútua ajuda nos quais partilhamos nossas dificuldades e aprendemos formas de viver melhor, longe da adição. Além disso, temos o momento de trabalho e de estudo onde procuramos força e conhecimento na palavra de Deus. “Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará.” “Cair é do homem, levantar é de Deus.”

nossa família junto com a gente, olhares de admiração porque conseguimos vencer. A história é sempre a mesma – e somos todos campeões!

Diretamente do campo de futebol de areia do Cer-Homens,

Muita torcida e admiração.

Nesta carta o grupo do Cer-Homens ressalta a “oportunidade de compartilhar nossa história com vocês”, a motivação que essa troca de correspondência provoca e as descobertas que surgem a partir disso: “Descobrimos com a nossa correspondência que a história é sempre a mesma, só mudam os personagens.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta experiência exemplifica como as Práticas Narrativas Coletivas podem acessar habilidades e saberes da história individual que fortalecem uma visão positiva de si e uma versão mais ampliada de sua própria história de vida, além de contribuir para o fortalecimento de histórias coletivas.

As trocas de cartas (documentações coletivas) entre estes dois povos nos proporcionam a chance de considerar vários aspectos teóricos: a importância da testemunha externa, o poder da ressonância, a possibilidade de entrelaçar as histórias individuais com as coletivas, a criação da “unidade na diversidade”, entre outras tantas.

Além disso, esta experiência possibilita-nos refletir que, mesmo pessoas distantes entre si, tanto física quanto culturalmente, conseguem encontrar pontos em comum e se fortalecer com suas histórias. Tanto no Cer-Homens aqui no Brasil, quanto no CAAAPU lá na Austrália, a metáfora do futebol contribuiu para compreender os desafios que o grupo enfrenta naquele momento

como mais um jogo no campeonato da vida, entender a espiritualidade (mesmo que de forma distinta em cada cultura) como orientadora da caminhada deles e perceber a família como fonte de força e de sentido para a vida.

Mais uma vez reforço que as cartas aqui apresentadas foram redigidas pelos próprios internos – e não por nós, especialistas pós-graduados – falando de suas experiências, de suas crenças e de suas habilidades de superação dos desafios diários envolvidos no processo de reabilitação. São narrativas particulares e coletivas daqueles que vivenciam esta experiência e querem compartilhar o que têm aprendido com pessoas que passam por situações semelhantes. Demos voz a essas pessoas e às histórias alternativas que começam a surgir nesses espaços de reabilitação.

Certamente outras possibilidades de pesquisa se abrem a partir dessa experiência: a forma pela qual cada pessoa reforça sua história alternativa, a força dessa história alternativa no processo de reabilitação, quais mudanças foram possíveis após a aplicação desta metodologia, enfim, aspectos que não foram o foco do presente trabalho, mas que são igualmente relevantes para a área.

O que vale ressaltar, ao finalizar este artigo, é que, por meio destas trocas de correspondências, esses homens nos ensinaram que podem ser os especialistas na experiência de luta contra a dependência química e que, quando existe uma troca entre iguais, a possibilidade de crescimento mútuo é muito grande e enriquecedora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DENBOROUGH, D. (2008). *Práticas narrativas coletivas: trabalhando com indivíduos, grupos e comunidades*

- que vivenciaram traumas. Austrália: Dulwich Centre Publications.
- DREWERY, W., & WINDALE, J.** (1997). The theoretical story of narrative therapy. In: G. Monk (Org.). *Narrative therapy in practice: the archaeology of hope* (pp. 32-51). San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- EPSTON, D.** (1998). *Catching up with David Epston: a collection of narrative practice-based papers, 1991-1996*. Adelaide, South Australia: Dulwich Centre Publications.
- FREIRE, P.** (2008). *Pedagogia da esperança* (15ª ed.). São Paulo, SP: Editora Paz e Terra.
- LA TAILLE, Y.** (2009). *Formação ética: do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- MADIGAN, S.** (2011). *Narrative therapy*. Washington, DC: American Psychological Association.
- MYERHOFF, B.** (1982). Life history among the elderly: Performance, visibility and re-membering. In: J. Ruby (ed) *A Crack in the Mirror: reflexive perspectives in anthropology* (pp.99-117). Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- MYERHOFF, B.** (1986). "Life not death in Venice": Its second life. In: V. Turner & E. Bruner (eds). *The Anthropology of Experience* (pp. 73-81). Chicago: University of Illinois Press.
- MONK, G.** (1997). How narrative therapy works. In: G. MONK (Org.). *Narrative therapy in practice: the archaeology of hope* (pp.3-31). San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- NEWMAN, D.** (2008). Rescuing the said from the saying of it: living documentation in narrative therapy. *International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 3, 24-34.
- WHITE, M.** (1991). Deconstruction and therapy. In: D. Epston, & M. White (Eds.), *Experience, contradiction, narrative and imagination: Selected papers of David Epston and Michael White, 1989-1991*. Adelaide, South Australia: Dulwich Centre Publications.
- WHITE, M.** (2007). *Maps of narrative practice*. New York, NY: Norton.
- WINSLADE, J., Crocket, K., & Monk, G.** (1997). The therapeutic relationship. In: G. Monk (Org.). *Narrative therapy in practice: the archaeology of hope* (pp. 53-81). San Francisco, CA: Jossey-Bass.